

### CAPA DE ACE

AGÉNCIA

84T

Nº ACE/ANO

00 6 8 6 1 / 8 6

10

SIGILO

W

FLUXO DO PROCESSO	DATA	RUBRICA	CH SE (SS) ou ANALISTA		
ENTRADA NA SE (SS) PSQ ARQ	29/12/86		VALIDADE INICIAL 05 (CINCO) ANOS		PESPONSÁVEL
REMESSA AO DI	30/12/86	/	NOME LEGIVEL		RUBRICA
ACE PROCESSADO	20.01.87				3

ACESSO INICIAL						
B 4 T	BIC					1.7.

Nº ORD	TIPO/Nº/ÓRGÃO/ANO	PRG/ANO
(01)	- RRI/00605/120/B4T/86/AI	NRS 1211/86
02		
03		
04		
05		
00		
07		
08		
09		
10		
11		
12		

	OBSERVAÇÕES E INSTR	UÇÕES ADICIONAIS	
/	3		
			. •

13 2

LANÇAMENTO DO LIVRO "O GOVERNO GEISEL E A REPRES-SÃO NO ERASIL" - ILDEU MANSO VIETRA - LONDRINA/PR.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB/PR). advogado, ex-preso político, hoje presidente do Centro de Debates de MANDAGUARI/PR, é comerciante e milita no PARTIDO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO (PMDB). Em declaração recente, a imprensa, disse estar desvin

Numa entrevista ao Jornal "Folha de Londrina", em LONDRINA/PR, edição de 09 NOV 86(Z7:A), sob o título de "PARANÁ: NUMCA MAIS", ILDEU VIEIRA, faz uma apresentação do seu livro intitulado " O GOVERNO GEISEL E A REPRESSÃO NO BRASIL". Nesta obra, o autor narra a experiência vivid. no ano de 1975, quando na "Operação Marumbi", desencadeada simultaneamente com ações semelhantes nos Estados de SANTA CATARINA, "Operação Barriga-Verde", e em SÃO PAULO, "Operação Bandeirantes", o autor foi um dos 65 paranaenses presos. Acusado como um dos reorganizadores do PCB/PR, então na ilegalidade, foi condenado há 03 nos em regime de reclusão na Penitenciária Provisória do Ahú, em CURITIBA/PR.

Nesta obra, são apresentados alguns dos companheiros condenados pela Justiça Militar, como:

- JOÃO EINECKE (BO488392), militante do PCB;
- FRANCISCO LUIZ DE FRANÇA (BO108443), militante

do PCB;

- FLÁVIO RIBEIRO (já falecido);
- ANTONIO NARCISO PIRES DE OLIVEIRA (BOD23632) ,

militante do PCB;

- ANTONIO DE BRITO LOPES(BO381652), militante

do PCB;

- ABELARDO DE ARAÚJO MOREIRA (BOS18283), Prefei

to de ARAPONGAS/PR, simpatizante do PCB;

- DIOGO AFONSO GIMENEZ (BOS18355), militante do PCB/PR e membro da Diretoria do Centro Cultural Brasil/URSS/PR;

ZI: BIC W/RRI/00605/120/B4T/171286/AI

CONFIDENCIAL

- NEWTON CÂNDIDO (BO379827), ATIVISTA DE ESQUERDA
  - OZIRES BOSCARDIN PINTO (BOSISO63), AE;
- LAÉRCIO FIGUEIREDO SOUTO MAIOR (BOO64853), mi litante do PCB, é Diretor do Departamento de Nacionalização da Secretaria de Justiça do Estado do PARANÁ;

(AE);

- GENECY SOUZA GUIMARÃES (BO103509), foi candida to a Deputado Estadual pelo PCB de LONDRINA/PR, não se elegendo; e - OSVALDO ALVES (BO064828), médico, ex-dono do Hospital São Francisco, Iciloado no dia 28 NOV 86. Atualmente dedica-se ao atendimento gratuito e criou uma comunidade Cristã beneficiente. Na opinião de ILDEU VIEIRA, "OSVALDO foi o maior prejudicado, pois hoje ele vive na indigência, pregando a pobreza apostó lica e transformou-se em místico". Aceitou passivamente o lei-lão de seu hospital em MANDAGUARI/PR.

O Jornal "Folha de Londrina", edição de 23 NOV 86, publicou reportagem sobre OSVALDO ALVES, abordando sua "Mudan - ça de Valores", isto é, sua transformação de rico em pobre (Z7:B).

ILDEU MANSO VIETRA, relacionou alguns nomes como sendo "torturadores", entre os quais os seguintes:

- SAMUEL CURREIA, na época Comandante da 5ª Região Militar e depois embaixador do BRASIL no IRAQUE;
- AMAZOR PRESTES, então superintendente do DE PARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL(DOPS/PR), hoje residente em
  CURITIBA/PR e funcionário da Secretaria de Segurança;e
- CARLOS ALBERTO BRILHANTE USTRA, Coronel do Exército Brasileiro, que naquela época atuava nos órgãos de repres são.

Para viabilizar a publicação da obra, o autor contou com o apoio de <u>FERNANDC GHIGNONE</u>(B2094691), extitular da Secretaria da Cultura e Esporte do Estado do PARANÁ, atualmente no MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA(MEC), em BRASÍLIA/DF.

CONFIDENCIAL

Z3: B4T

Z7: A - Cópia da reportagem "PARANÁ: NUMCA MAIS".

D - Cópia da reportagem "MUDANÇA DE VALORES".

CONFIDENCIAL

A história da repressão política no Paraná tá prestes a receber um novo e potente foco de luz através de um livro que pretende retomar as trilhas percorridas por aqueles que sentiram, na alma e na carne, o peso dos coturnos. O Governo Geisel e a repressão no Brasil deverá ser lançado em março deste ano, por intermédio de um convênio entre a Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e editoras. E tem como autor aluguém que mergulhou fundo nos porões errantes da ditadura: o advogado Ildeu Manso Vieira, hoje com 57 anos e residente em Mandaguari.

Um dos acusados de reorganizar o PCB - Partido Comunista Brasileiro (então na ilegalidade) no Estado. Vieira teve seu nome incluído na lista dos 65 paranaenses que fo-ram presos em 1975 na, "Operação Marumbi", desencadeada si-multaneamente com ações seme-lhantes em Santa Catarina, "Operação Barriga Verde" e São Paulo, "Operação Bandei antes". Marumbi é o nome de um dos picos maiores da Serra do Mar, mas, naquela época, era uma referência do medo. E, no caso específico de O Governo Geisel e a repressão no Brasil, há o vigor de um relato escrito no próprio porão - a Penitenciária do Ahu, em Curitiba - no mesmo instante em que as ações se

#### Todos na prisão. Nascia o livro

Ildeu Manso Vieira permaneceu preso três anos, juntamente com outros acusados como o londrinense João Einecke, Afonso Gimenez, Francisco Luiz de França, Flávio Ribeiro (já falecido), Antonio Narciso Pires de Oliveira, professor Osires Boscardin, Antonio Brito Lopes e Newton Candido. Todos os 65 paranzenses foram condenados, no processo desenca de ado pela Justiça Militar, a penas variáveis de um a quatro anos, cumpridas inte ralmente, sem falar em alguns que chegaram a permanecer mais tempo no Ahu, saindo apenas quatro meses depois do prazo legal. companheiros na prisão, intercalada por seguidas sessões de torturas e ameaças de morte, que Vieira recheou um original de mais de duas mil páginas datilografadas, agora sintetizadas em um livro que deverá conter cerca de 300 páginas. O trabalho será ilustrado por fotos da época e por canco ras feitas também dentro do Ahu por cutro preso político, Osires Bocardin, hoje morando em Curitiba.

Vieira: "Durante todo o tempo em que permanecemos na prisão fizemos um diário detalhado de tudo

o que se passava ali. Foi um trabalho penoso e tivemos dificuldades em tirar os escritos de lá, o que só foi possível através de meus filhos menores, que na saída das visitas escondiam as páginas dentro da roupa e as levavam para local seguro. O papel e lápis nós conseguíamos com os guardas, com os quais fazíamos amizade e dizíamos que aquilo que estávamos escrevendo eram bilhetes para as nossas famílias. Nunca nos flagraram. Eu fiz o diário isolado, sozinho, e mais tarde, graças à compreensão elevada do diretor do presídio na época, Nizeu Ferraz Turquim, pude usar uma máquina de escrever. Turquim, apesar de ser do SMI na época, tinha uma mentalidade muito aberta, comou conhecimento do diário e achava que os presos pulíticos não poderiam ter sua liberdade tolhida assim. Ele dava total cobertura. Com base no diário, sairá o livro, que não havia sido publicado até agora porque levamos muito tempo para descobrir os nomes dos mandantes das torturas e dos torturadores. E eles serão agora denunciados à Nação - muitos ocupam cargos importantes no Poder Público. Seus nomes serão divulgados não com espírito de revanchismo, mas com o escorpo de ser fiel à história. Nós achamos que estes homens que foram nossos algozes devem ser runidos ao invés de serem premiados".

Em sua lista, Ildeu Manso Vieira relaciona nomes como os de Samuel Correira, na época comandante da 5ª. Região Militar e depois embaixador do Brasil no Iraque. "Ele voltou ao País e recentemente, junto com Alencar Furtado. foi condecorado no Palácio do Planalto com a Ordem do Cruzeiro do Sul". Cita também Azanor Prestes, então superintendente do DOPS hoje residente em Curitiba e funcionário da Secretaria de Justiça. Ele foi o torturador do portuário Mário Gonçalves Siqueira, a guem obrigou a engolir uma garrafa de urina", denuncia o autor. Também consta da lista Brilli nte Ustra, militar que há pouco ganhou as páginas dos jornais: elé integrava o corpo diplomático brasileiro no Uruguai e foi identificado como o homem que no auge da ditadura torturou a hoje candidata a deputada federal pelo PMDB paulista, Bete Mendes. Foi a própria candidata quem o reconheceu, ao visitar aquele país como integrante da comitiva do presidente José Sarney. Na época de nossa prisão - lembra Vi ra - Ustra veio do Rio de Janeiro trazendo Fernando Pereira Fristino, então membro do Comitê Central do PC, preso pouco antes naquela cidade. Era o próprio Ustra quem me esbofeteava a cade. dez minutos".

Ildeu Manso Vieira foi um dos 65 paranaenses presos na "Operação Marumbi". Na prisão, conheceu a tortura e o medo. Agora ele lançará um livro que relata a repressão política no Estado e no País



Udau: mergulho nos porões

Ildeu Manso Vieira ressalta que um dos objetivos principais das torturas que sofreu era no sentido de ele comprometer na época o Senador Francisco Leite Chaves, hoje procurador-geral da Justiça Militar, em Brasslia. "Nós havíamos sido colegas no Rio, no Sindicato dos Bancários e nossa amizade vinha de longa data. Eles tinham a pretensão de cassar o mandato de Chaves e queriam vincular o PCB com o PMDB, pois não se conformavam com a vitória de um 'ilustre desconhecido' para o Senado achavam que era uma manobra do Partido Comunista Brasileiro".

#### O filho menor viu as torturas

O livro, prefaciado pelo jornalista A thur da Távola, divide-se em três partes: na primeira mostra com detalhes as ações de seqüestro dos 65 paranaenses na "Operação Marumbi", abrangendo até a saída dos presos das dependências da Polícia Militar para a Penitenciária do Ahu; na segunda, incursiona pelo período mais dramático da repressão política no Brasil, com a morte do jornalista Wladmir Herzog no DOI-CODI paulista; e a terceira parte inicia-se em janeiro de 1976 com o assassinato do operá-rio Manoel Fiel Filho, também na capital paulista, e desagua na conquista da liberdade dos presos paranaenses, incursionando também pelo processo de Anistia, em 79. Vieira recheou todas essas três partes com densos relatos dos sofrimentos a que eram submetidos os acusados de reorganizar o PCB no Paraná.

O caso do próprio autor é exemplar. Quando foi preso, Ildeu Manso Vieira morava em Curitiba, onde gerenciava o departamento de vendas da Agrovita, empresa de produtos veterinários. Casado, pai de quatro filhos, ele foi alcançado pelos militares no dia 14 de setembro de 1975, em frente à rodoviária daquela cidade. Vários homens, ocupando uma viatura, seqüestraramno em companhia de um filho de 15 anos, que assistiu às primeiras torturas a que foi submetido — episódio relatado no livro Brasil: Nunca Mais. Seu filho foi libertado naquela madrugada e a Ildeu coube iniciar um longo período na prisão.

iniciar um longo período na prisão. O autor lembra em seu trabalho que muitos dos que foram presos militam hoje na vida política, como e o caso do atual prefeito da Arapongas, Abelardo Moreira, Nilton Abel de Lima, vereador em Para-naguá, Laércio Sotto Maior, hoje diretor do Departamento de Nacio-na ização da Secretaria de Estado da Justiça, sem contar vários outros que são candidatos, como Genecy Guimarães (PCB - Londrina), e Antonio Narciso Pires de Oliveira (PMDB — Curitiba). "E dos que estiveram presos conosco, há um totalmente prejudicado — diz Ildeu. Trata-se de Osvaldo Alves, médico de Mandaguari, ex-dono do Hospital São Francisco. Ele transformou-se em místico, desfezse de todos os seus bens e vive hoje na indigência, pregando a pobreza

#### Agiram como Silvério dos Reis

Em Londrina, especificamento, como recorda o autor, também foram vários os sequestrados, como é o caso de João Einecke (exfuncionário da Sanepar, a quem o autor dedica um depoimento específico), Genecy Guimarães, Luiz Genzaga, Nicanor Gonçalves, Julio Bonfin, Antonio de Souza, Antonio Lima Sobrinho, Flávio Ribeiro, Carlos Guimarães e Severino Barbosa. "Estes dois últimos — frisa — se arregiaram com os órgãos de segurança e agiram como Silvério dos Reis, traindo todos os seus companheiros para conseguir a liberdade".

Ildeu Manso Vieira reforça que

Ildeu Manso Vieira reforça que este é o primeiro livro a resgatar a história da repressão política no Paraná, embora também incursione por informações e análises da situação à época a nível nacional, aqui incluída a própria "Operação Barriga Verde", em Santa Catarina, onde os seqüestros também foram realizados pela 5ª. Região Militar. "O general Silvio Frota e o então ministro da Justiça, Armando Falcão, foram dois fascínoras. A distensão no Governo Geisel só foi iniciada efetivamente com a exoneração de Frota, quando as torturas amainaram" diz o autor.

Ildeu Manso Vieira conta que, para viabilizar a publicação do livro, contou com ampla receptividade da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, através de seu ex-titular, Fernando Ghignone, hoje no MEC, em Brasília. "Ele deu total cobertura e continua a dar L do o apoio ne essário". Ele se mostra muito otimista em relação ao lancamento que pretende realizar, primeiro, em Londrina -- a cidade foi escolhida porque a "Operação Marumbi" começou aqui. Na sequência, pretende lançar seu trabalho em Curitiba, Maringá, Cascavel, Francisco Beltrão, Ponta Grossa, Florianópolis e, outros Estados.

Ildeu Vieira, hoje presidente do Centro de Debates de Mandaguari, é comerciante e milita no PMDB. "Estou desvinculado do PCB — diz ele — porque logo depois que sai da prisão eu não concordei com as pichações qué determinados dirigentes do partido estavam fazendo com Luiz Carlos Prestes. Disseram que ele estava completamente esclerosado e que, por isso, deveria então ser afastado, como de fato foi. Eu mantive dois contatos com Prestes, no Rio, e o encontrei perfeitamente lúcido e, em virtude desse fato, eu deixei de lado a militância do PCB e assumi um compromisso com o PMDB", justifica.



1 TEXTO PUBLICADO FILDADA



# Mudança de valores

Depois de passar 2 anos como preso político sofrendo todo tipo de fortura, o medico Oswaldo Alves mudou totalmente sua personalidade. Abandonou a riqueza material para medicar de graca e crioù uma comunidade crista. Alem disso, aceita passivamente o feilao de seu hospital em Mandaguari no proximo dia 28

nos últimos 6 anos.

Pregando o apocalipse, que entende já ter iniciado e renunciando cefinitivamente às coisas materiais e ao conforto, Oswaldo Alves abdicou do estatus da profissão, iniciada em 23 de dezembro de 1962, após concluir, pela Universidade do Rio Grande do Sul, os 7 anos de curso. Deixou a barba črescer, raspou a cabeça, onde agora se pode ver os pontos de um implante feito no final da decada de 60, assim que a calvície se manifestou. Passou a usar roupas velhas e remendadas, andar descalço e criou Comunidade Social Cristã Beneficente.

Instalada no Hospital São Francisco, a comunidade comandada pelo médico passou a atender aos carentes, através da medicina homeopática gratuita. As portas do estabelecimento foram abertas a todos. Os remédios, preparados a partir de plantas cultivadas ali mesmo, eram também doados aos clientes. Agindo desta forma, e principalmente, doando todos os bens que possuía, inclusive os equipamentos do hospital, como um aparelho de Raio x importado, que em 1980 custava aproximadamente Cr\$500 milhões, chamou a atenção não só da sociedade local, como da imprensa nacional.

A divulgação trouxe reflexos em 2 fases: na primeira, uma procura maciça relo hospital e pelo médico, a quem os mais humildes viam como santo. Nesta fase, conta Oswaldo Alves, havia cerca de 40 a 60 pessoas por dia sendo atendidas por ele. Numa outra fase, após ser rotulado de louco pela população de Mandaguari, teve que fechar o hospital: a clientela foi reduzida a quase nada.

O hospital, a princípio esteio do seu projeto humanitário, hoje penhorado pela Justiça para o pagamento de dívidas contraídas com a Previdência Social, credores e questões trabalhistas, passou, então, a um segundo plano na concepção do médico. Em primeiro lugar estava a sua comunidade - atualmente com 5 pessoas - que tem a incumbência de "preparar o mundo para o apocalipse, que está se consumando", como diz

Num casebre construído de tábuas velhas no terreno adiacente ao hospital, vive Oswaldo. São 2 cômodos pobremente decorados, 1 mesa também de tábuas, com 2 cadeiras e 1 banco de madeira, o "escritório", onde escreve - auxiliado pela jovem Tânia Gomes da Silva, de 21 anos, componente do grupo - o livro que pretende editar no próximo ano.

No outro nada existe sobre o chão de terra batida: é o quarto de

No prédio onde funcionava o hospital, apenas salas vazias, vidros quebrados por pedras certeiras dos esti-

lingues da molecada e portas que permanecem constante neute abertas - uma das regras do "regimento interno" da comunidade. Plantas e mais plantas no quintal e 2 pavimentos de alvenaria - em um funciona a cozinha e os quartos onde dormem os seguidores de Oswaldo, e em outro ele guarda em estoque os remédios e as plantas que usa para prepará-los.

Água somente de um poço de 23 metros de profundidade, retirada à mão. Luz só de lamparina, alimenta-da por querosene "ganho". no co-mércio local. É proi ",da a aquisição de aparelhos que proporcionem conforto, Lem como o uso de tóxicos e cigarros. A Folha, no entanto, presenciou um integrante do grupo com um cigarro de palha; a abstenção sexual é indispensável. Logo pela manhã, todos praticam caratê ou ioga, em dias alternados. O horário é o salar. Durante o dia, além do atendimento aos que procuram o hospital,

cultivam as plantas medicinais, estudam a bíblia e meditam.

A alimentação é vegetariana, vedado o consumo de leite e ovos, e logicamente, carne. Os mantimentos são obtidos junto ao comércio de Mandaguari: uma quitanda fornece verduras todos os dias, enquanto uma panificadora fornece paes. Os banhos são com água fria, em chuveiros improvisados com latas velhas, penduradas por ima corda. O modernismo é abominado.

Há quem diga que por ali já passaram vários viciados, usando a pousada como reduto. O médico contesta: "Há 15 anos não fumo e não bebo. Quem não tem esses vícios, não tem razão para ter os mais graves. Jamais permitiria que usassem este local para estas práticas". Na sua opinião, os comentários são da sociedade, "que blasfema e está envolvida numa densa camada maldade"

Atualmente o seu consultório ainda permanece no prédio principal, mas pouca gente o procura. Ele tem esperança de que possa reativar os atendimentos como antigamente. No seu interior, apenas 1 mesa com 2 cadeiras à frente, além de 1 portaretrato com a foto de 1 garotinha -sua filha, hoje com 14 anos. O nome não quis revelar.

Oswaldo sempre se mostrou pessoa comum, com ambições, defeitos e vaidades. A alteração de seu comportamento se deu aparentemente há 6 anos - foi quando abdicou de vez das coisas materiais. Mas quem o conheceu antes credita esta mudança ao confinamente que sofreu de 1975 a 1978, na Penitenciária do Ahu, depois de ter passado pelo QG da Polícia Federal em Curitiba, como preso político. As torturas que sofreu, na opinião de outro médico, Mário Toscano, que desde 1967 c conhece, são o motivo real das mutações por que passou.

"Ele sofreu um desvio na sua personalidade, passando a agir de forma totalmente diferente" - diz o colega de profissão, afirmando, no entanto, que não é de qualquer forma "nocivo" à sociedade. O que se percebe é que Oswaldo é uma pessoa de cultura variada, com convicções próprias, e que aparenta saber o que quer, como deve proceder para conquistar, e até onde pode ir.

Um fato interessante serve para aumentar as dúvidas de quem tenta diagnosticá-lo. Assim que começou a doar seus bens, a mãe de sua filha, que hoje mora em São Paulo, tentou um processo de interdição. Oswaldo foi submetido a uma junta de especialistas e não foi constatado nenhum sintoma de insanidade. Mesmo assim, há quem aposta que seu caso é patológico.

"O hospital vai a leilão no dia 28 como parte final do meu desprendimento m 1. Assim, posso afirmar que consegui o que pretendia" diz o médico. Ofertas pelo prédio já foram muitas, mas ele sempre recusou. Com certeza, com o dinheiro da venda, poderia saldar as dívidas e ainda sobraria, mas ele quer mesmo que o leilão seja feito. Depois irá com Tânia Comes da Silva, Henrique Cuilham de Castro, Júlio Cesar Guilham, Ana Camilo e o menor excepcional Ivan Gardel - seus seguidores - para uma casa, ainda de sua propriedade, mas que está servindo para que outra família viva, em Mandaguari.

Neste cenário, há um ponto mais chocante: hoje Oswaldo tem uma profunda lesão nos olhos, que lhe consumiu parte do potencial de vi-são. Esta lesão é fruto do que ele chama de "concentração ao sol". Na verdade nada mais é do que uma auto-flagelação ao meio dia, ele se "concentra", olhando diretamente para o sol. Hoje a prática é feita com a utilização de um telescópio com capacidade de aumentar 60 vezes o suplício.

Oswaldo diz que a prática permite o armazenamento de energia pelo cérebro, que funciona como uma enorme bobina que aumenta a frequência do campo mental. De acordo com a sua teoria, isso faz com que o corpo adquira resistência contra doenças: "Há 6 anos não sei o que é uma doença" - diz.

Texto de Milton Ravagnani Fotos de Milton Guitti Da sucursal de Maringá





Mário Toscano. "Houve um desvio de personalidade"

## Um livro e uma lingua

Aswildo prepara I livro a ser lançado, ainda não cabe como, no próximo ano. Neste livro, que será o primeiro de uma série, e que já está em fase de revisão, ele tenta preparar a sociedade atual para o apocalipse, já iniciado e que terá seu momento máximo e 1999, interpretação do Apocalipse é o título. Ele parte de textos biblicos, complementados com assuntos sociais, culturais, científicos, políticos e religiosos sobre o jrázo final.

"Num dado momento Deus revelará o seu poder e sua força e a Terra parará para meditar. Deus exigirá as re/ormas estruturais d. sociedade, inclusive e/m transformações profisicas. A crosta terr stre sofrerá mutações 4 de hoje há oceanor, serão continentes, e

de sociedade, inclusive en manisoniações, podisicas. A crosta terr stre softerá mutações, pode hoje há oceanor, serão continentes, e secescia. O pontu "ulminante disso tude será volta de Cristo, r ara reinar com poder e dória" — diz no ívro. "Com o juízo final, não acabará a vida sobre "

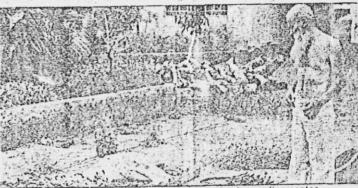
a Terra" - explica dizendo que sobrarão os

bons. Estes terão a incumbência de refazer a sociedade. "Uma língua então será imposta por Deus a todos os sobreviventes, pois antes disso haverá muita discórdia para escolher qual língua será a universal" — profetiza. O dicionário e a gramática desta língua já estão sendo elaborados por ele e seu grupo, através de ensinamentos que diz receber dos "entes superiores luminosos". Já estão feitas, segundo Oswaldo, 11 lições e 1 dicionário reduzido. "O vocabulário todo fará parte de um compêndio como este" — diz, apontando para o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda.

"Essa língua teni as mesmas categorias gramaticais do portugués — à qual ela mais se assemelha — sendo que o predicado precede o sujeito. Há verbos regulares e irregulares, a como a vosra língua" — diz, acrescentando ser "a língua falada pelos anjos antes da sua revolução, que fez com que se criasse o inferno, por Lúcifer".



integrantes da comunidade criada por Oswa'do



O médico e as ervas usadas na fabricação dos medicamentos

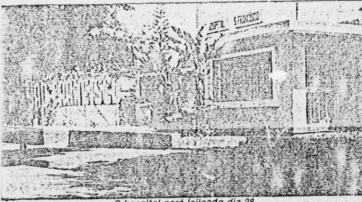
## Na cadeia, a mudança

Em agosto de 1975, o médico Oswaldo Alves, um dos mais conceituados de Mandaguari, dono do Hospital São F ancisco, emprestou ao seu advogado, o londrinense Flávio Ribeiro, sua chácara, para que este fizesse um churrasco para os amigos. Durante o churrasco discutiu-se política e a possibilidade de se . lançar 2 candidatos a deputado estadual pelo MDB. Participaram da reunião Fernando Pereira Cristino e Milton Cândido, 2 comunistas perseguidos pelo regime militar, sendo o segundo motorista de Luís Carlos Prestes. Oswaldo Alves nunca soube disso, assim como nunca soube porque foi preso no dia 13 de setembro daquele ano, levado a Apucarana, onde começou a ser torturado. Ildeo Manso Vieira, que também foi preso por ser comunista, presenciou parte do seu calvário. Condenado, passou 2 anos na Penitenciária do Ahu, depois de ficar algum tempo que ele próprio l



Ildeo Manso Vieira, companheiro de cela: "Eu presenciei sua tortura"

não sabe precisar, na Polícia Federal, em Curitiba. Encapuzamento, afogamento, choques elétricos e ameaças constantes de morte e amputação de membros foram a tônica desses 2 anos. Nenhum nome foi por ele identificado. Em 1978, depois de sotto, voltou a Mandaguari. Aos poucos foi se desfazendo de tudo o que tinha e 2 anos mais tarde assumia um novo modo de vida. Ele próprio reconhece que a mudança se deu na cadeia: "Foi lá que iniciei o meu retiro, o meu cursilho".



O hospital será leiloado dia 28



